

# O CEGO, O SURDO , O MUDO E O COXO

**Rodolfo Domenico Pizzinga**

Era dia de eleição em **MARACUTSIL!** A fuzarca era geral! Pela quarta vez consecutiva eu iria votar para escolher o próximo Presidente da República do meu País. Estava muito feliz em poder cumprir meu dever de cidadão, pois acredito no pensamento de Thomas Paine (1737-1809). Cada indivíduo de uma sociedade é inequivocamente um cidadão, e, como tal, é membro inalienável da soberania nacional. Assim entendido, não pode haver nenhum tipo de sujeição pessoal que não seja, exclusivamente, às leis vigentes. E, como membro do Estado Maracutsileiro e estando no pleno gozo de meus direitos constitucionais, estava prestes a, mais uma vez, participar ativamente da vida política maracutsilense, em nível nacional, conferindo (por empréstimo) meu voto ao candidato que julguei estar mais capacitado para exercer a Superna Magistratura da Nação. Caminhando pela rua, coalhada de faixas e de santinhos, encontrei um simpático deficiente físico. O coxo aproximou-se de mim e, sem qualquer delonga, perguntou em quem eu iria votar.

— O voto é secreto, companheiro. Respondi com afabilidade.

— Eu estou de acordo com o senhor — respondeu o camacho. Mas como ainda não decidi em quem votar, achei que uma ajudazinha... O senhor me parece um homem instruído.

— Eu acredito — respondi com delicadeza — que não seria prudente de minha parte auxiliá-lo nessa escolha. Já tive tantas decepções... Mas continuo acreditando que é um dever patriótico exercer o direito de voto. A escolha, meu amigo, é pessoal e fundamentalmente ideológica. Os desapontamentos passados não desobrigam o cidadão de sufragar.

— Compreendo — murmurou o coxo meio desiludido, talvez sem compreender realmente o que eu quis insinuar com voto ideológico.

— Mas o senhor se incomoda se eu caminhar ao seu lado por alguns minutos? — Perguntou o coxo com uma tristeza indolente. — Como o senhor deve ter reparado, perdi a perna direita em um terrível acidente de carro, e, com essa balbúrdia, fico meio atordoado e inseguro. Logo a direita... Logo a perna direita... Não sobrou nada... O pior é que, de vez em quando, ela coça. Não entendo como uma perna que não existe possa coçar! Engraçado - continuou divagando - a perna esquerda nunca coça. Que eu me lembre, ela nunca coçou. Nem quando eu era criança.

Olhei para aquele homem incompleto e, penalizado, disse, amigavelmente, que era um prazer tê-lo ao meu lado. Agora, explicar a ele o porquê de a inexistente perna coçar, achei que não era aconselhável. Admiti, sem preconceito, que ele não possuía cultura suficiente para compreender. Pouco tempo depois confirmei que o melhor foi ter ficado calado. Se eu tivesse explicado o motivo das coceiras eventuais na perna que havia sido decepada, ele, provavelmente, teria surtado. Há coisas que não se dizem... Há coisas que não se explicam... Geralmente, quem fala demais e tem explicação para tudo, nada sabe. Quem sabe, fala pouco; ou fica calado.

Depois de assentir que andasse ao meu lado, os olhos do coxo imediatamente se iluminaram, e, tipicamente fora dos engonços, com o corpo a trouxe-mouxe, a muleta sob o ombro direito e coxeando a perna sã, pôs-se a caminhar entusiasmado. Começamos, então, a nos dirigir para a Seção Eleitoral. Com meus botões, fiquei pensando em qual poderia ser a diferença entre perder a perna direita ou a perna esquerda. Afinal, uma perna é uma perna... E será que votaríamos na mesma Seção? Nas outras eleições eu nunca o tinha visto por lá. Enfim...

Um pouco mais à frente encontramos um deficiente visual. O coxo não perdeu tempo. Coxeadando com mais desengonço, esboçou um sorriso cordial e perguntou ao cego: — Em quem você vai votar, meu bom ceguinho?

O cego, sem se incomodar com a pergunta nem com o tratamento sem-cerimonioso recebido, empertigou-se, deu uma piscadela com o olho esquerdo, e, solenemente, com ar de pisa-mansinho, respondeu: — Como barnabé federal aposentado de último nível só posso votar no Doutor Mentirinha. Afinal, ele não prometeu que, se eleito, faria todos os *ceguinhos* enxergarem? Eu não estou acreditando muito. Essas promessas de campanha... mas não custa nada tentar.

Aliás, esse último que ficou sentado naquela cadeira quente foi um desastre para os servidores públicos federais de Maracutuil. Eu já não agüento mais tanto descaso. Pelo menos, talvez, eu possa voltar a ver. Nem que seja um pouquinho só. — Dito isso, o cego deu três seguidas e ritmadas piscadelas com o olho esquerdo, ameaçou uma quarta que não se concretizou, e, batendo compassadamente sua bengala no chão, seguiu seu caminho e foi cumprir seu dever de funcionário público federal aposentado. Barnabé ou não, inquestionavelmente, ele estava em melhores condições financeiras do que a maioria da população de Maracutuil.

Continuamos, então, rumo à Seção Eleitoral. No trajeto, o coxo, já, então, agitadíssimo, começou a me relatar pormenorizadamente o infortúnio no qual perdera a perna direita. De repente, fomos interrompidos por um deficiente auditivo que se aproximou tentando pedir algum tipo de informação. O coxo não perdeu tempo. Nem deixou o surdo tentar se comunicar conosco. De chofre, perguntou: — Qual é o seu candidato à Presidência da República?

O surdo, enfiando o dedo indicador direito na narina esquerda quase até o cérebro, hábil em ler os movimentos labiais de seus interlocutores, balbuciou em uma linguagem quase ininteligível: — No Doutor Mentirinha. Não me lembro de nenhum candidato que tenha prometido fazer os surdos voltarem a ouvir. Ele afirmou e se comprometeu. Foi o que me contaram. Isso é o que basta. É para ele que vou dar o meu voto. E, resmungando, gesticulando muito e praguejando, rapidamente, com metade do dedo índice direito enfiado na narina esquerda, se afastou para cumprir seu dever de cidadão. Algum tempo depois, me dei conta do tamanho das fossas nasais daquele indivíduo. Particularmente a esquerda, pois era maior do que a direita. Eram desproporcionadamente grandiosas, das quais sobejavam enormes pelos castanhos. Aquele órgão olfativo monumental, seguramente, não devia entupir nunca. Nem no inverno. Só discordei quando ele disse que daria seu voto... Voto não se dá; empresta-se por um período determinado.

Demos, então, seguimento à nossa jornada, com o coxo minudenciando todas as particularidades do acidente que houvera sofrido. Então, suando muito, explicou-me porque preferiria ter perdido a perna esquerda. E arrematou com um comentário assombroso e horripilante: — Tudo que é esquerdo ou da esquerda é

originário do *maligno*. Veja só esse tal de Comunismo. Ouvi dizer que os comunistas comem criancinhas ensopadas com batatas. Sinto-me, agora, como se estivesse desamparado e esquecido por Deus. Foi um azar enorme, o senhor não acha? Sinto-me mesmo como se fosse um saci-cererê a serviço do inferno. Se fosse a perna esquerda... Só pode ter sido castigo... E, o pior, conforme já lhe relatei, de vez em quando ela coça. É uma coceira infernal. Só passa se eu tomar um banho frio e comer alho cru. Um dente só não adianta. Tem que ser a cabeça inteira. E tem que ser rápido, senão não faz efeito. Aí, passa. Mas eu fico cheio de gases. A impressão que eu tenho é que um dia desses eu vou detonar. E quem estiver por perto, vai comigo! Outro dia sonhei que eu tinha explodido um quarteirão inteiro. Isso não é demoníaco?

Eu não sabia o que responder naquela desusada circunstância. Estava, realmente, chocado e depauperado. Preocupei-me com minha integridade física. Será que o fantasma da perna direita teria coçado justamente naquele dia? Teria ele comido uma cabeça de alho inteira? Imaginei o tamanho da explosão. Aquele homem era uma bomba ambulante. Só me ocorreu tentar consolá-lo dizendo: — Mas, pelo menos, você ficou com a perna esquerda. E com o auxílio da muleta você pode se locomover razoavelmente bem. Talvez, até possa colocar uma prótese. Quem sabe! Pior era ter perdido as duas pernas. Aí, sim; a catástrofe seria total.

De permeio a essa conversa esdrúxula, incoerente e desconexa, na qual, involuntariamente, me envolvi, surdiu um outro deficiente: um mudo. Parou-nos no meio da calçada e tentou dizer alguma coisa, usando, furiosamente, a linguagem dos sinais, que nem eu nem meu companheiro de passeio (passeio?) conseguíamos decifrar. Furibundo, ao mesmo tempo em que gesticulava muito, coçava impetuosamente a orelha esquerda. O curioso e inusual é que ele coçava a orelha esquerda com a mão direita. Uma loucura! Cheguei a pensar que ele iria esfacelar a própria orelha. Involuntariamente, recordei-me do tamanho das cavidades nasais desmesuradas do deficiente auditivo. Possivelmente, ele até as usasse para, ocasionalmente, esconder algum objeto de valor. Acho que eu já estava começando a delirar. Senti uma leve tremura na minha narina esquerda. O coxo, imóvel, olhava para o privado da palavra, esperando uma oportunidade para entrar no seu assunto

preferido. Isso, àquela *fundura*, eu já tinha certeza. Nesse entretanto, eu estava me sentindo como se estivesse em meio a uma tragédia grega. Evidentemente, todo aquele drama não iria, obviamente, terminar em fatalidade. Pelo menos, eu assim augurava. A situação era toda infausta apenas pela situação em si. Tratei de me acalmar. De qualquer sorte, isso não impediu o coxo, pronta e insistentemente, logo que teve oportunidade para se manifestar, de querer saber em quem o mudo iria votar. Aquilo já havia chegado às raias da obcecção. Cheguei mesmo a imaginar que o coxo iria dar uma *muletada* no pobre do mudo, pois a dificuldade de comunicação entre nós era quase intransponível. O mudo querendo falar sem conseguir e o coxo necessitando obsessivamente de uma informação que não conseguia obter. E eu tentando ensaiar uma mediação sem lograr êxito. O lance parecia que iria escapar ao controle de todos nós. Continuei me esforçando para ficar tranqüilo. Mas o privado da comunicação verbal não se ofendeu com a pergunta, nem se fez de rogado. Já um pouco mais sossegado, pois o coxo praticamente desistira de espicaçar o pobre homem, o mudo, para melhor se fazer entender, abaixou-se, pegou um santinho que estava no chão e escreveu: — *Eu só posso dar o meu voto para o Doutor Mentirinha. Na televisão ele não se comprometeu a fazer todos os mudos voltarem a falar? Estou cansado de não poder me comunicar direito. E as pessoas não têm paciência comigo. Outro dia quase apanhei de um gago. E um fanhoso me xingou até a última geração. Por isso, não tenho outra escolha. É no Doutor Mentirinha que eu vou votar. Espero que ele vença.*

Lemos a resposta do mudo, escrita com letras tão minúsculas que mais pareciam garatujas, e, quando terminamos a leitura, o mudo já ia longe. Tive a curiosidade de verificar o estado da sua orelha esquerda. Daquela distância parecia ilesa. Ilesa, mas vermelhíssima! Talvez algum vaso tivesse se rompido... De qualquer forma, o pobre homem incapacitado de falar continuava com as duas orelhas. Menos mal... pensei comigo. Mas se ele continuasse a coçar a orelha esquerda com a mão direita daquela maneira, haveria de arrancá-la. Lembrei-me, então, de que o mudo havia dito que outro dia quase apanhara de um gago. Fiquei imaginando. Só faltava aparecer um gago no nosso caminho. Pior se fosse fanho também. Gago e fanho ao mesmo tempo o problema seria dobrado. Aí seria realmente demais para um dia tão

importante para mim e para Maracutuil. Senti que minha cabeça fervilhava. Mas isso não aconteceu. Passou-me, então, rapidamente pela cabeça, a imagem daqueles quatro senhores sentados em um bar qualquer, discutindo sobre algum assunto infrutífero com o qual não concordassem entre si. Ao final da leréia, o cego, talvez, pudesse estar piscando o olho esquerdo tão convulsivamente que não conseguisse parar; o mudo, certamente, teria, em um acesso de fúria, arrancado a orelha esquerda com a mão direita; o surdo, indubitavelmente, teria arrombado a narina esquerda com o dedo indicador direito (porventura até furasse o cérebro); e o coxo... O coxo eu não consegui imaginar o que teria feito. A hipótese de que, saltitando com a perna esquerda, pudesse dar uma surra de muleta nos outros três não estava totalmente descartada. Mas, de repente, aquelas imagens alucinantes se evanesceram, e visualizei os quatro confraternizando afetuosamente pela vitória eleitoral do Doutor Mentirinha. Pior (pior?) para Maracutuil: melhor (melhor?) para eles.

Foi, então, que o coxo se virou para mim, já bem mais tranqüilo e controlado, e, imponente e pomposamente, me confessou enfaticamente: — Decidi. Também vou votar no Doutor Mentirinha. Maracutuil precisa dele. Está resolvido. Se ele prometeu que vai fazer os cegos enxergarem, os surdos ouvirem e os mudos falarem, pode ser que, também, possa dar um jeitinho na minha perna direita que coça sem existir. Talvez a esquerda até comece a coçar um pouquinho.

E, com o corpo a trouxe-mouxe, a muleta sob o ombro direito e coxeando a perna sã, despediu-se educadamente de mim e foi, garbosamente, mas meio desengonçado, cumprir também seu dever cívico. Antes de partir, entretanto, me abraçou demoradamente e me desejou felicidades. Eu retribuí fraternalmente, e, mentalmente, desejei-lhe paz e compreensão. Dadas as circunstâncias, não tive oportunidade de fazer o mesmo com os outros três que cruzaram meu caminho naquela tarde de domingo. Essa providência impostergável eu cumpriria um pouco mais tarde. Em silêncio.

Eu, a meu turno, segui para a Seção na qual também deveria exercer minha intransferível cidadania. E, é óbvio, não votei no Doutor Mentirinha. Quando me retirei da cabine de votação, olhei o relógio. Eram, exatamente, três horas e quarenta

e cinco minutos! Lembrei-me dos *VERSOS DE OURO* de Pitágoras<sup>1</sup>. Fiquei emocionado e meus olhos umedeceram um pouco. Emiti um pensamento de paz à humanidade. Confio que, no inexistente tempo, um dia, todos compreenderão que são deuses mortais e realizarão e se transmutarão em HOMENS IMORTAIS. Este é o verdadeiro e transcendental sentido oculto da ALQUIMIA INTERIOR. Lembrei-me das *QUARENTA E DUAS LEIS DE MAAT*<sup>2</sup> e orei, em silêncio, por todos os seres do Universo. Que *MAAT* possa morar em todos os corações. Bendisse, agradecido, Akhnáton e Jesus – o Cristo. Agradei, comovido, também, a Harvey Spencer Lewis, a Ralph Maxwell Lewis, a Raymond Bernard, a Christian Bernard, a Maria A. Moura e a Charles Vega Parucker. Agradei à minha mãe e a todos que me auxiliaram, nesta encarnação, a alcançar o que alcancei.

Já na calçada, no retorno para casa, pus-me a refletir sobre aqueles insólitos encontros. Uma profunda tristeza nostálgica abateu-se sobre mim. Lembrei-me de Unamuno (1864-1936) que ponderou: *A primeira coisa que um cidadão precisa ter é civismo, e não pode haver pátria, verdadeira pátria, onde os cidadãos não se preocupam com os problemas políticos*<sup>3</sup>. Recordei-me de Coelho Neto (1864-1934) e do seu *Breviário Cívico* no qual afirmou ser o civismo, minimamente, o *cumprimento exato dos deveres que a lei impõe...venerar a ordem... e corresponder ...a todo apelo...* no sentido de obedecer e de dar cumprimento a todos os deveres patrióticos<sup>4</sup>. E repassei os ensinamentos de Montesquieu (1689-1755): *Se soubesse de algo que me fosse útil e fosse prejudicial à minha família, rejeitá-lo-ia do meu espírito. Se soubesse de algo útil à minha família, e que não o fosse à minha pátria, procuraria esquecê-lo. Se soubesse de algo útil à minha pátria e que fosse prejudicial à Europa, ou que fosse útil à Europa e prejudicial ao gênero humano, considerá-lo-ia como um crime*<sup>5</sup>. Montaigne (1533-1592) apareceu também em minhas lucubrações, pois, agora, eu estava refletindo sobre a vaidade humana. Não pude deixar de concordar com o Filósofo, ainda que seu pensamento, em certa medida, não se adéqüe, propriamente, à dialética que eu estava praticando naquele momento. *Estimo todos os homens - ponderou Montaigne - meus compatriotas e abraço um polonês como um francês, pospondo a ligação nacional à universal e comum*<sup>6</sup>. Meu pensamento retrocedeu novamente a Pitágoras, e, imediatamente, visualizei

Akhnáton. Mentalmente abracei o cego, o surdo, o mudo e o coxo. Abracei, outrossim, o gago (que, talvez, também, pudesse ser fanhoso) que não encontrei. Provavelmente, eu não os veria mais. Mas são meus irmãos, eu tenho certeza, perante a minha consciência e ante a *CONSCIÊNCIA CÓSMICA*. Lembrei-me, também, do *PRIMEIRO MANDAMENTO* ensinado por Jesus. Pronunciei, mentalmente e com determinação, o *V.: D.:* e orei em silêncio.

Mas foi Kant (1724-1804) quem deu o toque final em minhas meditações. Eu estava a pensar em como o ser humano, normalmente, age por interesse pessoal, hipotetizando situações em que possa auferir algum tipo de vantagem. Verdade seja dita, é muito difícil alguém chegar ao limite da renúncia absoluta, de servir incognitadamente sem anelar qualquer tipo de retribuição ou de benefício. De cumprir um dever tão-somente porque aquele dever deva ser cumprido. De ser generoso, amigável, fraterno, solidário e altruísta desinteressadamente. Enfim, no caso, de emprestar seu voto, fazê-lo porque acredita inteira e simplesmente nas propostas apresentadas por um determinado candidato a um cargo público eletivo do seu País. Sem nenhum retorno pessoal. Sem nenhum benefício particular. Sem nenhuma vantagem, por mínima que seja, para si, ou para algum parente, ou conhecido, ou amigo. Estas especulações, obviamente, envolvem um comprometimento ideológico ponderado e uma compreensão esotérica de determinadas Leis Cóslicas que não serão objeto de especulação neste ensaio.

Fala-se muito, por outro lado, contemporaneamente, em mudanças e em reformas. Mudança do modelo econômico, reforma das leis eleitorais, mudanças na área educacional, reforma previdenciária, reforma política, mudança e atualização das leis que regulam o comércio internacional, reforma tributária, mudança nas leis que regem o Biodireito, reforma agrária, reforma trabalhista etc. Mas, quaisquer reformas ou quaisquer mudanças serão inócuas se o homem não mudar internamente. É exclusivamente no coração - o Santuário dos Santuários - que a Alquimia da vera mudança e da autêntica reforma deverão acontecer. Parafraseando Victor Hugo (1802-1885), **AS REFORMAS E AS MUDANÇAS PODEM REFORMAR E MUDAR TUDO, MENOS O CORAÇÃO DO HOMEM**. Este mesmo coração só muda e se reconstrói por volição pessoal, por esforço pessoal e por compreensão

peçoal. E, mudar não implica em estagnar depois de mudar. O mudamento está associado à reintegração do ente rumo ao CENTRO DA IDÉIA. A petrificação ou cristalização de um conceito impõe a horizontalidade, contrário, em essência, à verticalidade reintegratória, conceitos filosoficamente desvinculados de qualquer entendimento teológico ou de qualquer presunção teleológica, ainda que, no Universo, não haja dentro ou fora, em cima ou embaixo, e, conseqüentemente, horizontal ou vertical. O Universo é.

Quase chegando à casa, revisei mentalmente Kant e a questão dos *IMPERATIVOS*. Imperativo é uma norma, uma ordem ou um princípio segundo o qual o ente deve atuar. Os *IMPERATIVOS*, de acordo com Kant, podem ser *HIPOTÉTICOS* ou *CATEGÓRICOS*. Nos *IMPERATIVOS HIPOTÉTICOS* os encargos e os atos são necessariamente praticados como condições estabelecidas para o alcance de um fim específico e predeterminado. Tais ações podem até ser legais, mas, sob o ângulo da presente especulação, podem não ser (e nem sempre são) morais. No âmbito exclusivo da moral, nenhuma intenção deve remanescer paralelamente ao límpido e ao incontaminado fundamento do *DEVER*. Por isso, nos *IMPERATIVOS CATEGÓRICOS* os encargos (as obrigações) atuam em uma esfera que se impõe como condição insubstituível e irreduzível para a consecução de um fim universal. Ainda que o Universo não esteja programado para atingir ou alcançar um *télos*, este almejado fim deve se aproximar, o mais intuicionamente possível, da *ATUALIDADE CÓSMICA*, que é entendida iniciaticamente como inviolável, irreduzível e insubstituível. (Este entendimento não foi especulado por Kant). Aí reside, inclusive, a diferença entre moral e *ÉTICA*. A moral é oriunda e pertencente ao ambiente e ao domínio humano e materializada nos códigos; tem sua função de excelência no plano das realidades. A *ÉTICA* é universal. Ela é o próprio Universo em ação. Não pode ser emendada, nem apreciada em sua integralidade. Paradoxalmente, o ser só pode compreender a *ÉTICA CÓSMICA* assintoticamente. Enfim, em última instância, sem ter pretendido corrigir ou alterar as especulações do Filósofo de Königsberg, Immanuel Kant (1724-1804) propôs, verdadeiramente, que todas e quaisquer ações devam, irreduzivelmente, valer como máximas, decretos ou princípios de uma legislação universal. Valem para todos. A

moralidade, assim, só pode estar ancorada em *IMPERATIVOS CATEGÓRICOS*. Acima de tudo, o **DEVER**. O bom combate circunscreve-se ao esforço pessoal em dominar e em compreender os instintos, os desejos, as cobiças, as paixões, os interesses pessoais e as ilusões, que estão constante e sistematicamente a prover evasivas (in)justificadas para elidir o **DEVER**<sup>7</sup>, e a tentar justificar ações que afastem o ser de uma progressiva, insondável e ilimitada **REINTEGRAÇÃO UNIVERSAL**.

Ao chegar à casa, a melancolia que havia assaltado minh'alma havia se dissipado. Sentei-me confortavelmente e enviei meus melhores pensamentos à humanidade que ainda sofre e chora neste mundo de *mâyâ*. Ofereci o melhor que em mim existe como instrumento de **LUZ**, de **HARMONIA** de **VIDA** e de **AMOR**. **PAZ PROFUNDA. FIAT PAX IN VIRTUTE TUA. (FAÇA-SE A PAZ NA TUA VIRTUDE)**. Os rosacruztes de hoje não estão, certamente, tão distantes de São Bento, que há dezessete séculos propôs esta máxima, que embute santamente a **PAZ DO CRISTO CÓSMICO**. A **PAZ** individual, a **PAZ** coletiva e a **PAZ** da Terra só se concretizarão pelo exercício das próprias **VIRTUDES**. Esta é a **LEI**.

## **DADOS SOBRE O AUTOR**

Rodolfo Domenico Pizzinga: Professor Adjunto IV (Aposentado) do CEFET-RJ; Mestre em Educação pela UFRJ; Doutor em Filosofia pela UGF; Professor de Metodologia da Ciência e da Pesquisa Científica e Coordenador Acadêmico do Instituto de Desenvolvimento Humano e Gestão Empresarial – IDHGE.

## **NOTAS**

1. <http://www.geocities.com/vienna/9156/pitagorb.html>

Acesso em 10/12/2003. Estes Versos são atribuídos a Lysis, discípulo de Pitágoras.

## VERSOS DE OURO

### **PREPARAÇÃO**

*Aos Deuses Imortais sagrado culto rende.  
Resguarda o coração. Tua convicção defende.  
Aos Sábios e aos Heróis, presta um preito fervoroso.*

### **PURIFICAÇÃO**

*Sê bom filho e bom pai, justo irmão, terno esposo.  
Elege amigo teu o que, em virtude, prima;  
Vive como ele vive e dele te aproxima.  
Os conselhos lhe escutai; e, si te aconselhando  
O teu amigo for um dia menos brando,  
Perdão! Que sobre fiel vontade - lei severa -  
A fortuna fatal às vezes prepondera.  
Dominar as paixões é dom que te pertence:  
Tuas loucas paixões subjuga e doma e vence.  
Sê casto, sóbrio e ativo. A cólera o semblante  
Nunca te ensombre, nunca o mal te seja aceito.  
Em público ou sozinho, e como a um semelhante,  
A ti mesmo, tributa o devido respeito.  
Na palavra e na ação, sê justo e sê prudente.  
Vive, mas, não te saia a morte da lembrança;  
Nem te esqueças, jamais, de que o homem, facilmente,  
Perde as honras e os bens que, facilmente, alcança.*

*Se os males que o destino acarreta, à porfia,  
Nem podes mitigar: Não blasfemes o teu lábio;  
Suporta-os com prudência, e nos Deuses confia,  
Que aos Deuses praz valer do que usa, como Sábio.  
Adeptos, o erro os tem, como a verdade bela.  
O sábio adverte, austero, ou aconselha, amigo:  
Mas, se o erro vil domina, ele recua e vela.  
Grava, no imo do peito as palavras que eu digo:  
Não tenhas prevenção alguma: todavia,  
Os atos, de outrem, pesa e a ti mesmo te guia;  
Pois que, nem todos são exemplos e ensinamento.  
Só do insensato é agir sem fim, razão nem tento.  
Contempla, no presente, o futuro e o passado.  
Faze, apenas, aquilo em que fores versado.  
Instrui-te com vagar, aprende com paciência:  
Do tempo e da constância é que vem a sapiência,  
Poupa a saúde, que é um tesouro precioso;  
ao teu corpo: alimento; à tua alma: repouso.  
Uma moderação, porque ainda mais nocivo  
Do que a falta - resulta, às vezes, o excessivo.  
Não pratiques o luxo e a avareza, também,  
Pois só no meio-termo é que consiste o bem.*

## **PERFEIÇÃO**

*Assim que o Sol te acorde e calmo te levantes,  
Julga tuas ações, como severo juiz;  
E ao sono não te diz, sem perguntares, antes:*

— Hoje, em que pensei eu? E que foi que hoje fiz?  
Fizeste o bem?— Persiste! O mal fizeste?— Abstém-te.  
Ama o conselho meu; medita o que ele ensina.  
Se o amares — Eu te juro — e o sequires, fielmente,  
Poderás atingir a Virtude Divina.

Eu te juro por quem o Augusto Emblema grava  
A Tétrada Sagrada - em nosso coração.  
Mas, primeiro, é mister, do seu dever escravo,  
Dos Deuses a alma invoque, ardendo em devoção.

Sob o Influxo Divino, as obras que emprenderes  
Terminarás em paz, fugindo do engano rude.  
E, perscrutando a essência aos diferentes seres,  
Tu, o princípio e o fim, conhecerás de tudo.

Verás que a Natureza - o Céu há-de mostrar-te,  
em tudo, semelhante e a mesma em toda a parte.  
Conhecendo-te a ti, senhor do teu direito,  
Vibrará, sem paixões, seu coração, no peito.  
Homem, verás que são frutos próprios do Homem,  
A mágoa que o atormenta e os males que o consomem;  
Porque a origem do gozo, a fonte da ventura  
Que, em si mesmo possui - além de si, procura.  
Bem poucos, sabem ser felizes:  
Compelidos pelos desejos maus, joguetes dos sentidos,  
Como baixel, em mar sem fim, por entre pegos,  
Assim os homens vão, desnorteados e cegos.  
Deuses! Quisésseis Vós valer-lhes de onde estais.

Discerne, por ti mesmo, o bem e o mal:  
Conforto e auxílio te dará a Natureza exemplar.

***Homem sábio e feliz, entre sonhado porto,  
Se cumpres minhas Leis, um dia hás de alcançar.***

***Evita o que perturba a mente e o que a alma esmaga,  
aprimora a razão, esmera os valores teus.***

***E transpondo, enfim, a refulgente plaga,***

***TU, ENTRE OS IMORTAIS, SERÁS TAMBÉM UM DEUS.***

Na senda iniciática, diversas são as quedas, muitas são as dúvidas, múltiplas são as angústias, inúmeros são os sofrimentos, múltíplices são as tentações, distintas são as manifestações de vaidade e vários são os equívocos. Mas, se o aspirante for sincero e trabalhar arduamente, o Mestre, um dia, certamente, se fará presente. De uma forma ou de outra. Isto é o que asseveram todos os iniciados. Caíram. Duvidaram. Angustiarão-se. Sofrerão. Foram tentados. Eventualmente se envaidecerão. Equivocaram-se. Mas, acreditaram, perseveraram e alcançaram a ILUMINAÇÃO CÓSMICA. Este conceito está alicerçado na insubstituível e irreduzível LEI DA MERITOCRACIA.

2. Traduzido do site: <http://maat-order.org/maat42lawsnn.htm>

Acesso em 10/12/2003.

## **AS QUARENTA E DUAS LEIS DE MAAT**

- 1. Não cometi assassinato, nem contratei ninguém para matar por mim.**
- 2. Não cometi estupro, nem forcei nenhuma mulher a cometer adultério.**
- 3. Não me vinguei de ninguém, nem ardi em cólera.**
- 4. Não causei terror, nem jamais provoquei aflição.**
- 5. Não fiz com que ninguém sentisse dor, nem provoquei tristeza.**
- 6. Não fiz mal algum. Não prejudiquei ninguém e nem causei sofrimento.**

7. ***Não causei dano a nenhuma pessoa, nem maltratei animais.***
8. ***Não fiz ninguém chorar.***
9. ***Não tomei conhecimento do mal e não agi nem com crueldade nem com injustiça.***
10. ***Não roubei, não me apropriei de coisas que não me pertencem, e nem daquelas que pertencem a outrem. Não roubei nada dos pomares, nem tirei o alimento das crianças.***
11. ***Não cometi fraude, não acrescentei nada ao peso da balança, nem tornei os pratos da balança mais leves.***
12. ***Não devastei a terra lavrada, nem causei destruição a dos campos.***
13. ***Não expulsei o gado de seus pastos, nem privei ninguém daquilo que lhes pertencia de direito.***
14. ***Não acusei ninguém falsamente, nem jamais apoiei nenhuma falsa acusação.***
15. ***Não menti, nem disse coisas falsas que prejudicassem alguém.***
16. ***Não esbravejei, nem provoquei a discórdia.***
17. ***Não agi com perfídia, não fui artiloso, nem falei de modo enganoso que prejudicasse ninguém. Não negocieei com ninguém de forma fraudulenta, nem atestei uma fraude que prejudicasse alguém.***
18. ***Não falei com escárnio, nem me manifestei para falar contra homem algum.***
19. ***Nunca tentei escutar o que não era dirigido aos meus ouvidos.***
20. ***Não fechei meus ouvidos para as palavras de *RETIDÃO* e de *VERDADE*.***
21. ***Não fiz julgamentos apressados, nem fiz julgamentos impiedosos. Em meus julgamentos jamais fui apressado e sob nenhuma condição fui impiedoso.***
22. ***Não cometi nenhum crime no lugar da *RETIDÃO* e da *VERDADE*.***
23. ***Não fiz com que o senhor cometesse qualquer injustiça contra seu servo.***

24. ***Não me enfureci sem motivo.***
25. ***Não fiz a água voltar na época da maré alta, nem detive o fluxo das correntes.***
26. ***Não destruí o leito dos rios.***
27. ***Não conspurquei as águas, nem poluí a terra.***

#### *PECADOS*

28. ***Não blasfemei contra Deus, não desdenhei de Deus, nem fiz aquilo que Deus abomina.***
29. ***Não aborreci ou enfureci Deus.***
30. ***Não roubei nada de Deus, nem furtei as oferendas dos templos.***
31. ***Não acrescentei nem reduzi as oferendas que Lhe são devidas.***
32. ***Não furtei os alimentos ofertados a Deus.***
33. ***Não retirei as oferendas feitas aos mortos abençoados.***
34. ***Não negligenciei as épocas designadas para as oferendas.***
35. ***Não maltratei o gado destinado ao sacrifício.***
36. ***Não impedi as procissões em honra a Deus.***
37. ***Não abati com intenção maldosa o gado de Deus.***

#### *TRANSGRESSÕES PESSOAIS*

38. ***Não agi com perfídia, nem agi com insolência.***
39. ***Não fui excessivamente orgulhoso, nem me comportei com arrogância.***
40. ***Não exagerei minhas condições além do limite do que era adequado e conveniente.***
41. ***A cada dia trabalhei mais do que me era exigido.***
42. ***Meu nome não apareceu /e jamais aparecerá/ no Barco do Príncipe. CROMAAT.***

Nas antigas **Escolas de Mistérios (Sabedoria)** do Egito Antigo, o candidato, para postular conhecimentos mais elevados, deveria se comprometer em cumprir as QUARENTA E DUAS LEIS DE *MAAT* (VERDADE). Inclusive, o acesso a graus mais esotéricos impunha o estrito cumprimento das LEIS acima transcritas. Como era naqueles tempos, continua sendo hoje. A sabedoria que Akhnáton legou à humanidade, foi, no início do século passado, retransmitida no seio da Ordem Rosacruz – AMORC, cujas atividades estiveram, inicialmente, sob a superlativa responsabilidade do Dr. Harvey Spencer Lewis (Sâr Alden – Frater Profundis XIII). Deu prosseguimento a esse trabalho Ralph Maxwell Lewis (Sâr Validivar). Presentemente, o Imperator da AMORC é o Frater Christian Bernard (Sâr Phenix).

3. *Solilóquios e conversações*, apud Paulo Rónai, *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1985, p.182.

4. Op. cit., p. 182.

5. Op. cit., p. 171.

6. Op. cit., p. 171.

7. Recomenda-se a consulta às seguintes obras de Immanuel Kant: *Crítica da Razão Pura* (1781), *Fundamentos da Metafísica dos Costumes* (1785), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Pela Paz Perpétua* (1795).